

## CARTA DO EDITOR

Prezado (a) leitor (a),

Estamos publicando a edição do Volume 4, número 1 da Revista “Cadernos do Cáucaso” do ano de 2021. Este ano ficará gravado na memória desta e de outras gerações como mais um ano da SARS-COVID-19, que não mostrou sinais de abatimento. No momento do lançamento desta edição, o número de doentes superou 300 milhões de pessoas no mundo e as mortes já ultrapassaram cinco e meio milhões de pessoas, ou seja, equivalente à metade do número dos mortos durante a Primeira Guerra Mundial. No Brasil, o número dos casos de contaminação elevou-se a 22,5 milhões e o número dos mortos chegou a 620 mil pessoas. Que realidade horripilante! Quantas vidas perdidas! Que dores e sofrimentos incalculáveis e experiências doloridas! Felizmente, estes dados não se tornaram muito mais altos por causa da invenção de vacinas contra a covid-19 e graças às campanhas mundial e nacionais de vacinação, que já duram há mais de um ano.

A revista não publica no ano de 2021 tanto quanto foi planejado, por motivos sanitários e de saúde de autores, de seus familiares, bem como do próprio editor. Mas o que está saindo nesta edição deve-se a esforços meritórios dedicados dos autores, dos avaliadores, dos membros do conselho editorial, dos diagramadores e dos corretores.

O volume 4, número 1, dá início a estudos e análises da política externa brasileira com respeito às relações bilaterais com os países do Cáucaso, mais avançadas com os países de relacionamento de longa data, como a Rússia, e mais recentes ou novíssimas com o Irã e os países transcaucasianos. O número 1 inclui o tema do Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS, em que o Brasil e a Rússia encontram uma convergência de interesses em prol de desenvolvimento sustentável e duradouro.

O número começa com o artigo “Relações Bilaterais Brasil-Irã em uma Perspectiva Contra-Hegemônica” de João Victor Viana Santos, que discorre sobre o período desde os governos de Luiz Inácio Lula da Silva até o tempo presente, dando ênfase à Declaração de Teerã (2010), em cuja negociação o Brasil desempenhou o papel de protagonista, o que contribuiu para a conotação de contra-hegemonismo na política externa brasileira.

Bernardo Marques Leão Ferreira e Lucca Simonetti Munhoz retomam o tema das “Relações Bilaterais Brasil-Armênia: Diplomacia, Comércio e Cultura”, buscando compreender os avanços e os retrocessos tidos ao longo dos trinta anos das relações e

ressaltando os elementos contraditórios na evolução do relacionamento bilateral – o conflito em Nagorno-Karabakh e o reconhecimento do genocídio armênio.

Pablo Guimarães Bandeira da Silveira no artigo “As Relações Bilaterais Brasil-Rússia Pós-URSS: Sucessos, Obstáculos e Potencialidades” examina um período de trinta anos das relações bilaterais com a nova Rússia, com o enfoque sobre as duas primeiras décadas do século XXI. Ao analisar duas teses sobre a política externa do Brasil com relação à Rússia, ele, com base na primeira tese, discorre sobre a natureza estável e incremental do processo de melhoria das relações Brasil-Rússia, que se construíram em um cenário de relativa constância dos posicionamentos internacionais brasileiros e, com base na outra, analisa repercussões que podem ser trazidas pelo governo Bolsonaro nas relações bilaterais. Argumentando de que houve diminuição de progresso nas relações bilaterais nesta última fase, ele conclui que, apesar de uma relativa estagnação, o fato de a Rússia condicionar suas relações visando construção de interesses em comum, a longo prazo e não em virtude das posturas transitórias de governo, resulta em um quadro em que a retomada das posições tradicionais brasileiras na política externa levaria a um potencial maior de reaquecimento das relações, sem que lhes sejam causados danos de médio ou de longo prazo.

A edição termina com o artigo de Glória dos Santos de Sousa “Entre operação e estratégia: A inserção do Novo Banco de Desenvolvimento na arquitetura financeira e institucional conjunta do BRICS”. O artigo apresenta a estratégia e as atividades do NDB no que diz respeito à operacionalização de sua expansão nos âmbitos regionais, através do alargamento das atividades do NDB a todos os continentes da atuação do BRICS, confirmando as aspirações declaradas do BRICS para a governança global.

Boas leituras!

Rio de Janeiro, janeiro de 2022

Prof. Dr. Alexander Zhebit, Editor